



(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOCTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Comercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
 REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
 (BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

A grande peregrinação nacional FÁTIMA, CENTRO DOS CORAÇÕES

Raiou enfim o dia treze de Outubro, tão ansiosamente esperado, qual dia formosíssimo e delicioso de Primavera, alegre e feliz, cheio de graça e de encantos, como um mimo inestimável do alto, esparzindo a flux sobre a terra, recemahida das sombras nocturnas, torrentes de luz suave e pura, que deleitava os olhos e inebriava as almas.

Mais uma vez, a charneca sagrada da Fátima, vai ser theatro de grandiosas e imponentes manifestações de Fé e piedade christã. De todos os recantos de Portugal, desde as veigas encantadoras do Minho até aos campos fertilissimos do Algarve, das cidades, villas e aldeias, centenas de milhares, porventura milhões de corações, voltam-se para a estancia bendita do mysterio e do prodigio, num impulso irresistivel de devoção ardente e acrisolada.

Fátima é hoje, incontestavelmente, na nossa querida Patria, o throno mais esplendoroso de Jesus no seu Sacramento de Amor e o centro mais augusto de devoção para com a Virgem Santissima.

E assim se explica que as multidões dos crentes se precipitem sem cessar, em catadupas gigantescas, sobre a charneca árida e interminavel da Serra d'Ayre, onde só medra o pinheiro bravo e mal vegetam a urze e a azinheira.

Foi alli, com effeito, naquella só abençoada, que, ha precisamente oito anos, a gloriosa Rainha dos Anjos pousou os seus pés virginaes para anunciar a tres humildes pastorinhos a necessidade do arrependimento e da penitencia a fim de conjurar os castigos divinos prestes a cahir sobre nós, em expiação das culpas individuaes e das iniquidades collectivas.

A vela d'armas

No dia doze á tarde começam a chegar a Fátima, como guarda avançada dum poderoso exercito, as primeiras caravanas de peregrinos. São homens, mulheres e creanças das classes mais humildes da sociedade, que a pé, a cavallo ou em carros percorreram enormes distancias para poderem retemperar a sua Fé e desafogar os seus sentimentos de piedade, ainda antes da chegada do grosso da peregrinação, aos pés da branca estatua da Augusta Rainha do Santissimo Rosário, na minuscula mas graciosa capella das Aparições.

Durante a noite, sobretudo ás primeiras horas, a Cova da Iria e as suas immedições offerecem um espectáculo curioso e sobremaneira encantador. São milhares de sombras que se movem, como estranhos phantasmas, na escuridão da noite, á luz pallida das estrellas, ora isoladamente, ora em grupos, por vezes numerosos, para

irem render as suas homenagens á Rainha do Ceu no proprio local em que ella se dignou apparecer.

A cada instante chega aos nossos ouvidos o brando cicio das réces dum grupo que passa a pequena distancia ou o echo longinquo de um cantico popular em honra da Virgem. Toda a noite — a noite de vigilia, — junto da capella commemorativa das aparições, os turnos de peregrinos succedem-se uns aos outros, recitando devotamente as suas orações ou entoando com entusiasmo os seus canticos regionaes. Do alto da estrada districtal, a Cova da Iria, com os milhares de velas que os romeiros levam na mão, parece um lago immenso de luz, em que a abobada celeste reflecte, como num espelho, as myriades de estrellas que polvilham a sua superficie.

Aqui e acolá, ao pé duma arvore, debaixo dum carro, ou junto dum vallado, estão deitados sobre mantas ou esteiras innumerados devotos que descansam das fadigas duma longa viagem e se preparam com um somno reparador para assistir com mais proveito espiritual, ás solemnidades do dia seguinte. Como são bellas e admiraveis as almas generosas dos nossos valentes serranos que, obedientes á voz da Virgem, alli vão, á terra bendita das aparições, num grande espirito de Fé e num proposito consciente de expiação e resgate, fazer penitencia por si e pelos seus irmãos transviados e, reparando os crimes nacionaes, implorar a salvação da Patria!

O comboio especial

Pouco depois da meia-noite partiu de Lisboa, da Estação do Rocio, um comboio especial, expressamente organizado pela Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes para conduzir a Fátima os peregrinos da capital. Este comboio teve uma curta paragem em todas as estações para receber os peregrinos das diversas povoações situadas ao longo do percurso. Ás cinco horas e meia da manhã, chegou, sem nenhum incidente desagradavel, á estação terminus — o novo apeadeiro de Ceissa-Ourem, inaugurado no dia quatro do corrente mês entre as estações de Chão de Maças e de Caxarias.

Na estação do Rocio tomaram logar no comboio especial centenas de passageiros, não se tendo enchido logo completamente todas as carruagens, porque a maior parte dos peregrinos de Lisboa e do Sul do paiz haviam já partido nos comboios da vespera, tanto da linha do Norte, com destino a Torres Novas e Chão de Maças, como da linha de Oeste, com destino a Leiria.

Os servitas de Santarem

Quando parou no apeadeiro de Ceissa, o comboio estava literalmente cheio. Dezoito servitas, membros da Associação Nun'Alvares de Santarem, que tinham embargado na estação daquela cidade, prestaram relevantes serviços, com um zelo e dedicação inexcelsíveis, á chegada do comboio especial. Sob as ordens de dois chefes delegados da direcção daquella benemerita collectividade ajudaram a conduzir os enfermos para os diversos meios de transporte que estacionavam no largo terreiro situado em frente do apeadeiro. Correctos e delicados no seu tracto, cheios de caridade para com as pobres victimas de tamanhas misérias humanas, desempenharam a sua rude tarefa de maqueiros voluntarios com uma perfeição verdadeiramente inexcelsivel, que mereceu os encomios de todas as pessoas que foram testemunhas da sua acção.

Bem hajam os sympathicos jovens catholicos da Associação Nun'Alvares de Santarem, que tão distinctamente se assignalaram naquella jornada de gloria, pela feliz iniciativa que tiveram de ir inaugurar o serviço de transporte dos enfermos da peregrinação nacional no apeadeiro de Ceissa! O seu gesto nobilissimo ficará para sempre registado em letras d'ouro nos annaes gloriosos de Nossa Senhora de Fátima e nos fastos brillantissimos da sua prestimosa instituição, honra e lustre da Juventude Catholica Portuguesa.

A grande romagem

Assomam já no Oriente os primeiros alvares da madrugada. O espesso manto de trevas que envolvia o planalto sagrado dissipa-se como que por encanto. O ambiente cuja temperatura descera uns poucos de graus durante as ultimas horas da noite, não tarda que seja aquecido pelos raios suavemente tépidos do sol nascente.

A medida que as horas passam, o movimento de peões, cavalleiros e vehiculos intensifica-se duma maneira assombrosa num crescendo cada vez maior.

Centenas e centenas de automoveis, desde os mais luxuosos e elegantes até aos de typo mais modesto, camions, camionettes, chars-à-bancs, motocicletas, bicicletas, galéras, trens, charretes, carroças, carros de bois, numa palavra, todos os meios de transporte, ainda os mais primitivos e extravagantes, são utilizados para a condução dos peregrinos, pejanço a estrada e os terrenos adjacentes, numa extensão d'alguns kilometros. A Cova da Iria apresenta nos que vão chegando um panorama deslumbrante, incomparevel, talco mais de cem

mil pessoas, de ambos os sexos, de todas as idades e condições sociaes, cobrem literalmente o vasto espaço que medeia entre a estrada districtal e a capella das missas.

A Virgem Santissima, atravez da sua linda Imagem, reprodução genial da Apparição, do escultor Fanzeres, de Braga, parecia envolver num doce olhar de ternura maternal aquella multidão imensa, que vinha alli tributar-lhe, em nome de Portugal fidelissimo, a homenagem que lhe era devida como sua Rainha e Padroeira.

A Capella das Apparições

São dez horas da manhã. A circulação de vehiculos na estrada torna-se quasi impossivel. A dupla fila delles, que se formou desde as primeiras horas do dia, é cada vez mais comprida. Na Capella das Apparições os fieis rezam as suas orações, cumprem as suas promessas ou tocam objectos de piedade, como terços e medalhas, na branca estatua da Virgem do Rosário. Homens, mulheres e creanças, sem distincção de classes, empunhando velas accesas, dão, uma e mais vezes, de joelhos, a volta á Capella, em cumprimento de votos feitos em horas de angustia, rompendo a custo por entre a mole compacta de povo, que a rodeia. Sob o alpendre, por detraz do historico santuario, alguns servitas procedem á distribuição gratuita de cincoenta mil exemplares da «Voz da Fátima».

E' naquelle local, aos pés da veneranda Imagem de Nossa Senhora do Rosário, que se avalia e, por assim dizer, se apalpa a intensidade da crença do bom povo portuguez. Pessoas de todas as categorias sociaes, num amalgama nivelador inspirado por um vivo sentimento de igualdade e fraternidade christã, alli se juntam, a cada instante, erguendo os olhos e as mãos supplicantes para aquella que é justamente chamada o refugio dos peccadores e a saúde dos enfermos.

E a vaga humana, tumida e encapellada, circula continuamente, num fluxo e refluxo cadenciado, desde as proximidades da fonte miraculosa até á parte posterior da capella commemorativa das apparições. Feliz o povo que crê e ora assim!

A fonte miraculosa

Em torno da fonte miraculosa, que brotou crystallina e abundante a poucos passos da azinheira sagrada, depois da primeira missa campal, uma multidão innumera-vel fervilha desde manhã cedo, numa ansiedade irreprimivel de fazer larga provisão da agua benefica e salutar. A forma circular da fonte prodigiosa facilita bastante a aquisição do precioso liquido, que jorra copiosamente por quinze grandes torneiras de metal amarello, que symbolisam pelo seu numero os quinze mysterios do Santissimo Rosário. Algumas torneiras só podem ser utilizadas pelos fieis que querem apenas beber agua no proprio local em que ella nasce.

A ligeira impaciencia dos mais apressados é facilmente contida pelos servitas, que regulam, ao mesmo tempo com prudencia e firmeza, o difficil accesso as torneiras. O aprovisionamento da limpa maravilhosa dura horas compridas, interminaveis, desde as primeiras da manhã até ás ultimas da tarde. Os peregrinos enchem recipientes de todos os tamanhos e de todos os feitios, que levam consigo para as suas terras distantes com a fagueira esperanza de provocar, mediante a applicação da agua, a cura de alguma pessoa de familia ou de amizade ou, ao menos, proporcionar um pouco de lenitivo aos seus soffrimentos.

A Capella das Missas

Aproxima-se o meio dia solar, a hora dos successos mysteriosos, dos colloquios ineffaveis entre a Virgem e os videntes, nos paramos desertos e escavados de Fátima.

A multidão, que se reúne e comprime em torno da Capella das Missas, é agora mais densa do que nunca. Rios, ribeiros e regatos humanos descem, sem solução de continuidade, por todos os caminhos, veredas e atalhos, da periphèria para o centro do vasto amphitheatro formado pelo local das apparições. Desde o raia da aurora, as missas succedem-se umas as outras sem interrupção nos dois altares da Capella. A primeira missa que se celebrou, assistiram os servos de Nossa Senhora do Rosário e

um grupo numeroso de escoteiros catholicos de Leiria, que receberam com uma piedade edificante o Pão dos Anjos.

Emquanto se celebram as missas diversos sacerdotes distribuem a Sagrada Communhão a milhares de fieis, que, para a poderem receber com as devidas disposições, se tinham preparado, nas suas terras ou durante a viagem, com a recepção do Sacramento da Penitencia.

Os enfermos

Entretanto os enfermos, á medida que chegam, vão sendo transportados para o respectivo pavilhão, erecto em frente da capella. Os paralyticos e os enfermos cujo estado é mais grave, são conduzidos em macas pelos servitas. Mas o seu numero é tão avultado que as macas são insufficientes para a conducção rapida de todos. Como expediente da occasião, suggerido pela necessidade, dois servitas de Santarem, jovens de porte distincto e maneiras delicadas, dão-se as mãos e formam com os braços uma especie de cadeira, em que transportam uma senhora paralytica, que tinha vindo da Beira Baixa em automovel e cujo marido testemunha o seu reconhecimento e a sua commoção com a voz entrecortada pelos soluços e com os olhos marejados de lagrimas.

As macas são collocadas no chão, dum e doutro lado, em frente da capella. Nas numerosas bancadas do pavilhão sentam-se indistinctamente os demais doentes. Em breve nem um só logar se encontra vago. Aquelle hospital improvisado de um dia alberga nesse momento cerca de mil victimas de todas as miserias physicas que torturam a humanidade.

São tuberculosos, paralyticos, cegos, cancerosos, epilepticos, enfermos de toda a especie, que a Fé conduziu áquella estancia bendita da esperanza. E' que alli a augusta Mãe de Deus não raro lhes mitiga as dores ou cura os males de que padecem, derramando sempre sobre todos graças preciosissimas de conforto e resignação. E por isso nunca doente algum, animado de genuino espirito christão, se arrependeu jámais de ter percorrido a dolorosa via sacra da peregrinação a Fátima.

A estatua da resignação

Entre as senhoras enfermas ha uma que, mais qua qualquer das outras, attrahe particularmente a attenção de todos os circunstantes. Tuberculosa em ultimo grau, tão magra que semelha um esqueleto, de rosto atrophyado pelo soffrimento, dir-se-ia a estatua viva da resignação christã. Exhausta de forças, jaz numa das macas, desprezada como um miser farrapo humano, que para nada serve e de que todos se afastam num egoismo cruel com receio do contagio, excepto naquelle logar bendito em que a caridade exerce soberanamente o seu imperio.

Muito nova ainda, casada de ha poucos annos, conforma-se com a santa vontade de Deus, esperando tranquillamente alguns alivios para o seu mal ou ao menos um sorriso de doce conforto da divina consoladora dos afflictos. A' cabeceira, velando com todo o carinho por aquella a quem deu o ser, está sentado o pae, sympathico e venerando ancião, patriarcha duma numerosa familia, em que florescem tradicionalmente a crença mais pura e as mais solidas virtudes christãs.

A multidão que cerca o pavilhão dos doentes ora com fervor pela cura de todos esses infelizes.

Milhares de almas boas, impulsionadas pela compaixão á vista de tamanhos infortunios, fazem violencia ao ceu com as suas ardentes invocações a Jesus Sacramentado e com a recitação incessante do terço do Rosário.

Os servitas e os escoteiros

O serviço de fiscalisação da entrada e acondicionamento dos doentes, organizado pelos servitas, é primorosamente dirigido pelos seus chefes. Dois medicos specialistas, dos mais distinctos da capital, presidem a esse serviço, cada um na sua respectiva secção. Conjunctamente com os servitas, lado a lado, trabalham sem descanso os escoteiros catholicos de Leiria, que rivalisam com eles em esforço intelligente e extrema-dedicacão.

Quasi todos na flor da idade, esbeltos e

garbosos, respirando juventude e força, superiormente educados pela doutrina do es-cotismo á luz dos principios christãos e pela livre sujeição a uma disciplina quasi militar, desempenham a sua espinhosa e delicada tarefa com acertado criterio e com uma cordura extrema na obediencia total, completa, absoluta ás ordens dos seus chefes. De uma gravidade irreprehensivel no exercicio das suas funções, sem embargo dos seus verdes annos, elles impõem-se aos jovens do nosso tempo como modelos acabados de submissão aos legitimos superiores e de respeito e cortezia para com todos.

A missa dos enfermos

E' meio-dia solar em ponto. A assistencia canta em unisono o Credo de Lourdes, de Dumont, cujos acordes melodosos se repercutem ao longe e ao largo, de quebrada em quebrada, por toda a extensão da montanha, como notas vibrantes dum hymno de fé e de triumpho. Em seguida um sacerdote sobe ao altar central para celebrar o santo Sacrificio, que é applicado, segundo o costume, por todos os enfermos e peregrinos presentes e por todas as pessoas que quizeriam, mas por qualquer motivo não puderam ir nesse dia a Fátima. Emquanto se celebra a missa todos os assistentes, alternadamente com outro sacerdote que occupa o pulpito, rezam fervorosamente o terço do Rosario, entremeados de preces, louvores e canticos. O silencio — o silencio dos momentos solennissimos — torna-se mais profundo. A commoção que se lê em todos os rostos é cada vez mais intensa. Os doentes associam-se á oração commum e a sua esperanza reanima-se, cresce e fortifica-se.

Depois de cada dezena do Rosario, faz-se a breve e tocante supplica que a radiosa apparição ensinou aos humildes pastorinhos de Aljustrel. Chega o momento solemnis-simo e emmoçionante da consagração. O filho de Deus humanado, á voz do seu ministro, torna-se presente sob as especies eucharisticas, tão real e perfeitamente como está no ceu á direita de seu Eterno Pae.

O silencio é agora completo. Apenas se percebem o ligeiro murmurio das orações de algumas almas piedosas e os suspiros abafados e os soluços a custo reprimidos dos pobres enfermos. Ao toque da campainha, aquella mole imensa de crentes — o escol de Portugal christão — prostra-se por terra e adora com o celebrante a Victimia Sacrossanta dos nossos altares.

As invocações

No pulpito o sacerdote que preside ás ceremonias começa a fazer, numa voz forte e bem timbrada, as commoventes invocações de Lourdes.

Senhor, nós vos adoramos!
Senhor, nós temos confiança em vós!
Vós sois o meu Senhor e o meu Deus!
Vós sois a resurreição e a vida!
Senhor, cremos em Vós, mas augmentae a nossa fé!
Senhor, diizei uma só palavra e serei curado!

Canta-se o *Parce Domine* — que é simultaneamente uma oração e um acto de arrependimento — e em seguida continuam as invocações, sempre enternecedoras, mas agora mais movimentadas, mais vehementes, mais do fundo d'alma:

Senhor, aquella a quem amaes está doente!
O Deus, vinde em nosso auxilio, vinde depressa soccorrer-nos!
Senhor, fazei que eu veja!
Senhor, fazei que eu ande!
Senhor, fazei que eu ouça!
Saúde dos enfermos, rogae por nós!

Estas invocações, trez vezes repetidas por dezenas e dezenas de milhares de bocas, reboam formidaveis, como outros tantos gritos de angustia, naquelle templo immenso, sem pavimento e sem cupula, procurando forçar o Ceu, a condoer-se da infeliz e lastimosa legião de farrapos humanos que, de longe e com tanto sacrificio, alli vieram, cheios da mais doce confiança, implorar a misericordia infinita do Senhor.

Segue-se a Communhão do celebrante que, após alguns breves instantes, ministra o Pão dos Anjos a um grande numero de fieis que não tinham podido recebê-lo mais cedo. Depois da Communhão fazem-se as invocações a Nossa Senhora, que concluem

com a tocante supplica pela nossa Patria, que traduz sem duvida a causa final das aparições:

Nossa Senhora do Rosário, salvae-nos e salvae Portugal!
Terminara a Missa.

A benção dos enfermos

Vae realizar-se a cerimonia mais bella e mais commovente desse dia para sempre memoravel: a benção do Santissimo Sacramento aos enfermos, como outrora, ao percorrer as cidades, villas e aldeias da Palestina, ensinando a todos o caminho do Ceu e prodigalizando benções, graças, o Divino Mestre, agora occulto sob o veu das especies sacramentaes, *pertransit beneficiendo*, passa egualmente fazendo o bem. Está alli, encerrado na magnifica custodia de ouro, visivel aos olhos do espirito illuminado pela luz da Fé, aquelle mesmo Jesus, que, durante a sua vida publica, perdoava os peccados, curava as doencas e alliviava toda a sorte de miserias. A crença viva daquella multidão no dogma sublime e altamente consolador da presença real, a sua confiança inabalavel no poder, e na bondade de Jesus no Santissimo e Augustissimo Sacramento da Eucharistia, o seu amor ardente a quem tanto amou os homens e por elles se sacrificou, padecendo e morrendo numa cruz de ignominia, reflectem-se nos rostos e nos olhos de todos os que teem a ventura de assistir a esta scena augusta e ineffavel. O sacerdote, do alto do pulpito, principia novamente a fazer as invocações. A assistencia repete com ardor, com enthusiasmo, com transporte, essas invocações. São brados d'alma que se elevam no espaço, estuantes de expressão, são gritos de angustia que anhelam penetrar o Ceu, são supplicas de fogo que sahem de peitos alanceados pela compaixão ou ulcerados pela dôr e que sóbem confiada e humildemente até aos pés de Deus.

E os doentes, de mãos postas e olhos fitos na Hostia Santa e immaculada, traduzem, com as suas supplicas e com as suas lagrimas, os sentimentos de fé, esperança e amor que abraçam os seus corações. O anjo do conforto parece ter descido aquella ephemera mansão da dôr e roçado com as suas azas brancas de neve os corpos maceados por tentos e tão grandes soffrimentos visiveis e as almas atormentadas por um sem numero de fundas maguas e terriveis provações occultas.

E aqueles rostos, estranhamente desfigurados pelo martyrio phisico ou moral, mas santamente transfigurados pela resignação, reflectem um mysterioso clarão de Paraizo, o consolo duma doce esperança e a paz suavissima de Deus. O celebrante traça, finalmente, com o ostensorio de ouro o signal da cruz sobre as legiões innumeraveis de fiéis ajoelhados e seus pés em attitude de adoração. Sóbe ao pulpito o dr. Luiz Castello Branco, o glorioso sobrinho de Camillo, que num raptô de eloquencia sagrada, entre as lagrimas de commoção da assistencia, celebra as glorias immarcessiveis de Maria Santissima e canta um formoso hymno á Patria, implorando para ella as benções do ceu.

Organisa-se de novo a procissão que reconduz a estatua de Nossa Senhora do Rosário da capella das missas para a das aparições.

As curas

Subito começam a circular de grupo em grupo rumores vagos de curas miraculosas. Aqui, é uma crença de dois annos, cega de nascença que, deante da Imagem da Virgem, adquire de repente o uso perfeito do sentido da vista, no meio da estupefacção dos paes, que choram de alegria e de gratidão. Acolá, é um paralytico que caminhava difficilmente com o apoio de duas muletas e com o auxilio de pessôa amiga e que, tocando com a mão no andor da Virgem, recupera subitamente o movimento dos membros inferiores. Mais além, é uma senhora tuberculosa que, depois de muitos annos de soffrimentos indiziveis, alcança a saúde tão

desejada, sentindo circular nas suas veias uma nova vida, que a omnipotencia divina infundiu no seu corpo exaustado e quasi inerte. São curas completas ou melhoras consideraveis, de doencas reputadas humanamente incuraveis, que enchem de assombro e viva emoção todos os que dellas teem conhecimento.

Mas como averiguar a exactidão dos factos que se narram, quer na sua substancia, quer nas circumstancias em que se verificaram, no meio daquella babylonia de cerca de duzentas mil almas?! Que os privilegiados da Virgem não se esqueçam de cumprir o rigoroso dever que lhes incumbe de communicar á respectiva commissão canonica, por intermedio do jornal a «Voz da Fátima», a noticia das curas de que foram objecto!

Quantas graças desta natureza ficam sepultadas, por descuido, no pó do esquecimento com prejuizo da gloria de Deus e sem proveito para as almas!

E', pois, mister que a noticia dessas curas, logo que ellas se realisam, seja enviada, com os pormenores considerados interessantes, ao rev. dr. Manuel Marques dos Santos, promotor fiscal da commissão canonica e professor do Seminario de Leiria.

O exodo dos peregrinos

Principia então a debandar o grosso da peregrinação. Pouco a pouco vão-se descongestionando os recintos das capellas e as immediações da fonte miraculosa. Na estrada districtal circulam outra vez milhares de vehiculos. A ordem mais perfeita reina naquella multidão tão variada, naquella oceano infinito de povo, que parece obedecer, em todos os seus movimentos, a uma voz unica de commando, como um exercito disciplinado num vasto campo de batalha.

E todos os peregrinos lá se vão, na penosa viagem de regresso aos seus lares distantes, com a sua crença mais robustecida e com a sua piedade mais afervorada, cheios de saudade do dia inolvidavel que passaram no planalto sagrado de Fátima, no meio duma atmospheria saturada de sobrenatural, mais longe do mundo, mais perto de Deus!

Visconde de Montello

As curas da Fátima

Uma cura em Hespanha (Madrid)

Data da de Alemquer (Quinta do Brandão) em 28 de Setembro do corrente anno, além do relato que abaixo publicamos, recebemos do Ex.^{mo} Sr. D. Antonio Maria de Noronha, uma carta, de que tomamos a liberdade de transcrever o seguinte:

«Junto envio uma carta d'um distincto advogado de Madrid, meu amigo e que eu conheço perfeitamente ha bastante tempo; elle é tambem advogado consultor da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes. Por isso bastantes vezes vem ao nosso paiz e assim conheceu os mila-

gres de Nossa Senhora da Fátima; que elle está perfeitamente convencido do milagre que se passou com a filha. A carta foi escripta deante de mim em Madrid, na segunda quinzena do passado mês de Agosto do corrente anno, pelo Dr. Alfonso Cabello y Guillen de Toledo, pae da doente.

Segue a carta:

«En Mayo de 1924 estuve en Lisboa e comiendo en casa de mis buenos amigos Henrique Anjos y Maria Simões, esta ultima me dijo que me traeria á Madrid um frasquito de água de la Virgem da Fátima porque ella queria que la tomase mi hija Mariana Cabello que llevaba en cama desde el 23 Marzo en que fue operada por el Dr. Olivares en el Sanatorio del Rosário de un quiste idiatico del higado.

Lejos de mejorar despues de la operacion estubo gravissima mucho tiempo y asi seguia al ir yo a Lisboa.

Regrese el 10 ó el 11 de Mayo sin poder traer el frasco del água de la Virgen porque Maria Simões no lo habia recibido el dia de mi partida para Madrid; pero el dia 31 vino su marido con otro Señor y trayo el frasco.

La tarde del 31 Mayo tomo el água la enferma y en la madrugada, sobre los dos, arrojó por la boca el 1.^{er} pedazo de la membrana del quiste operado y el dia 2 de Junio á las 4 y las 6 de la mañana, en otro vomito, hechó los otros dos pedazos, el ultimo tan grande por cuanto tuvo que tirar de el con la mano porque se ahogaba.

El milagro para mi consiste: — 1.^o En no haber arrojado esa membrana hasta despues de beber el água da Fátima. 2.^o En haber podido hechar por la boca una cosa que tuvo que pasar al estomago sin que sepan los medicos como, y 3.^o Por la coincidencia de haber-se retrazado el hecho hasta que vino el água.»

Quer isto dizer:

«Em maio de 1924 estive em Lisboa e comendo em casa dos meus bons amigos Henrique Anjos e Maria Simões, esta ultima me disse que me havia de levar para Madrid um frasquinho de água da Virgem da Fátima porque queria que a minha filha Mariana Cabello, que estava de cama desde 23 de março em que foi operada pelo Dr. Olivares no Sanatorio do Rosário de um kisto hydatico de figado, a tomasse. Longe de melhorar, depois da operação esteve gravissimamente doente muito tempo e assim continuava ao ir eu a Lisboa.

Regressei a 10 ou 11 de maio sem poder trazer o frasco da agua da Virgem porque Maria Simões não o havia ainda recebido no dia da minha partida para Madrid, mas no dia 31 seu marido com outro senhor, trouxe o frasco.

Na tarde de 31 de maio a enferma tomou a agua e na madrugada, cerca das duas horas, deitou pela boca o primeiro pedaço da membrana do kisto operado e no dia 2 de junho, ás 4 ou 6 da manhã, em outro vomito, deitou mais dois pedaços e por

fim, um tão grande, que teve de o tirar com a mão porque se afogava.

O milagre para mim consiste :

1.º—Em não ter lançado a membrana até ao momento em que tomou a agua da Fátima.

2.º—Em ter podido deitar pela boca uma coisa que teve de passar pelo estomago sem os medicos saberm como.

3.º—Pela coincidência de ter-se demorado o vomito até que veio a agua.

Outro caso :

«No logar do Casal Viegas, freguesia e concelho de Ancião, mora Maria da Conceição, de idade de dezoito anos, filha de Luiz Gomes e de Brigida da Conceição. Ha dois anos que se encontra gravemente doente, sofrendo de tuberculose ossea. Esteve no Hospital de Coimbra durante perto de dois mezes, tendo antes ido a banhos de mar, por se desconhecer a doença. Sem encontrar alivios, voltou para casa, onde tem estado entregue aos cuidados de dois distintos medicos. Nenhuma melhora, porém, obteve. Não se podia levantar da cama, e mesmo ahí sofria grandes dôres que a enchiam de aflicção e a sua familia. Na perna direita, local da doença, não se podia tocar, sem um grande martirio para a padecente. Foi então que ella resolveu pedir a seus paes que a levassem em peregrinação a Nossa Senhora da Fátima, no passado mez de agosto, ao que elles acederam. E' a grande fé da enferma. Confiava plenamente que Nossa Senhora a curaria. Na véspera de partir foi confessada no sei leito. Em Fátima cheia de piedadade recebeu a Sagrada Comunhão, e orou á Virgem Santa. Ao chegar a casa começou de sentir alguns alivios, e dois dias depois já se levantava do leito e vestia, sem auxilio de pessoa alguma, e agora já anda em pequenas distancias, tendo-a abandonado as dôres que tanto a torturavam, o que é presenciado pelos seus visinhos. A doente tinha tambem prometido trez comunhões pelas almas do Purgatorio.

Agradecida a Nossa Senhora por tão grande graça, quer torna-la publica por intermedio da *Voz da Fátima*.

Declaro que é verdade o que nesta disposição se diz.

Ancião, 11 de Setembro de 1925.

O Pároco

P.º Manuel Maria Gaspar Furtado

Abrigo para os doentes peregrinos da Fátima

Transporte	1.194:500
D. Gloria Ezequiel . . .	10:000
D. Rosa F. Motta Machado	100:000
Dr. Joaquim Coelho Pereira	50:000
D. Berta Oneto Nunes	30:000
Soma	1.384:500

Agua da Fátima

A redacção ou administração da 'Voz da Fátima' não pode encarregar-se de fornecer agua da Fátima ás pessoas que a desejam.

Presta-se a este serviço o sr. José d'Almeida Lopes—Fatima (Vila Nova de Ourem), a quem devem ser feitos os pedidos.

Voz da Fátima

Despezas

Transporte	33:832:900
Impressão do n.º 37 (50:000 exemplares)	1:150:000
100 resmas de papel	5:040:200
Expediente e outras despesas	95:000
40:118:100	

Subscripção

(Continuação)

José Antonio Gonçalves d'Arzevedo	10:000
Jornaes avulsos (J. d'Oliveira Dias)	20:000
D. Maria de Jesus Silva	10:000
D. Luiza Stadlim	10:000
D. Ana Caldeira Tierno	10:000
D. Clotilde Caldeira Guerra	10:000
P.º Antonio Maria Santos Campos	10:000
D. Leonor Martins Vieira	10:000
José Martins Vieira	10:000
D. Mariana de J. Duarte	10:000
D. Lucrecia de Jesus	10:000
D. Alice Delgado	10:000
D. Maria Adelaide Nogueira	10:000
D. Helena Baltazar	10:000
D. Julia Cravo	10:000
D. Elvira Nunes	10:000
D. Maria da Piedade Assumpção	10:000
D. Judith Gama	10:000
D. Emilia Nunes da Rocha	10:000
D. Carminda Tavares Guerra d'Andrade	10:000
D. Maria José dos Santos Moreira	10:000
D. Ismailia Bastos Messedet	10:000
D. Julia da Silva Neves d'Oliveira	10:000
D. Angelica d'Artayett Lemos	10:000
P.º João José Tavares	10:000
D. Maria Rosalina Rocha	10:000
D. Maria Alexandrina Fragoso	10:000
João d'Oliveira Mello	10:000
Joaquim Augusto Pereira Borges	10:000
Manuel da Ponte Rebello	10:000
João José d'Araujo	10:000
D. Herminia Nunes de Carvalho	10:000
Francisco de Palva Boleu	15:000
Luiz de Souza Moreira Ribeiro	10:000
D. Maria José de Lemos Queiroz	15:000
D. Maria de Jesus Pinto	20:000
Manuel Lucio de Andrade	10:000
Manuel José Pereira	5:000
D. Maria Carlota de Flgueiredo Borges	10:000

DONATIVOS, JORNAES AVULSOS, ETC.

De José Maria da Costa Oliveira	10:000
De D. Bernardina N. T. Mascarenhas	6:500
De D. Rita Costa	12:500
De Luiz Cambado	3:750
De D. Maria M. Vaz Lobo de Vasconcelos	16:500
De Delfim Maria d'Almeida	60:000
De Antonio Dias Morgadinho	6:800
De J. d'Oliveira Dias	25:000
De D. Maria de Jesus Durão	67:000
De D. Maria Emilia Vieira	34:500
De D. Maria P. Mathias	50:000
De D. Zulmira da Matta Galhardo	71:450
De P.º Netto	16:000
De D. Laurinda Marques	10:000
De Antonio Vieira Leite	50:000
De D. Beatriz Caetano Valente	25:000
De D. Maria das Dôres	100:000
De D. Engracia da Assumpção Covas	132:000
De D. Amelia Lopes de Mendonça	16:000
De D. Virginia Lopes	40:000
De D. Josefa de Jesus	20:850
De D. Carmina Vieira	29:000
D. Perpetua de Jesus Guerra	12:000
D. Maria Farrajota Cavaco d'Assumpção	10:000
A. Sampaio Maia	10:000
Antonio Ignacio Vicente	15:000
D. Anna Teixeira Machado Mendes	10:000
D. Francisca Correia	10:000
D. Maria da Annuniação Franco	10:000
D. Maria da Luz d'Almeida Napoles	20:000
D. Alda Pires Gonçalves	20:000
D. Maria Francisca d'avelar Pinto Tavares	10:000
P.º Luiz da Conceição Torres Donativo (D. Maria Fernanda Santos)	100:000
D. Maria do Sacramento Bordalo	10:000
D. Adelaide Bordalo Antunes	10:000
D. Celestina dos Santos Reinas	10:000
D. Anna Augusta Reinas	10:000
D. Maria Pinto	10:000
Luiz Lopes Abegão	10:000
D. Lucrecia Peleção	20:000
D. Julia Maria dos Reis	10:000
D. Maria Manuela Vaz Lobo de Vasconcelos	10:000
D. Maria Augusta de Mesquita	10:000
José Fernandes d'Almeida	10:000
Arthur d'Almeida d'Eça	10:000
D. Conceição Veneno Franco	10:000

VOZ DA FATIMA

Este jornalzinho, que vao sendo tão querido e procurado, é distribuido gratuitamente em Fátima nos dias 13 de cada mês. Quem quizer ter o direito de o receber directamente pelo correio, terá de enviar, adiantadamente, o minimo de dez mil réis.